

Relatório do Estágio de Pós-doutorado
Período: 05/2015 a 06/2016

IDENTIFICAÇÃO

Nome		
Mirian Maia do Amaral		
Unidade/Departamento		
Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ		
Telefone/Celular	Endereço Eletrônico	
(21) 99941-4140	amaral3378@gmail.com	

INFORMAÇÕES SOBRE O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Instituição:	
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Nível: () Especialização (X) Pós-doutorado () Estágio de pesquisa	
Área de concentração:	Data do ingresso
Educação	31/05/2015
Supervisão – Proped-UERJ	
Edméa Oliveira dos Santos	
Bolsa: () Capes () CNPq () Faperj () Outras: Uerj	
Duração: 05/2015 a 06 /2016	

RELATÓRIO DE PÓS-DOCTORAMENTO

Mirian Maia do Amaral

Titulo do Projeto

Cinema como dispositivo potencializador de pesquisas multirreferenciais

Resumo

A cibercultura, cenário contemporâneo mediado por tecnologias digitais em rede, vem, de forma crescente, impactando processos educativos e alterando dinâmicas sociocomunicacionais e culturais. É nesse contexto, fundamentados nos princípios da complexidade (Morin, 1996) e da multirreferencialidade (Ardoino, 1998), alinhados à abordagem de pesquisa-formação nos cotidianos escolares, que discutimos o cinema como um dispositivo que favorece a emersão de currículos que integram saberes científicos aos saberes construídos na cultura, no dia-a-dia das cidades, das mídias e das artes, contemplando, dessa forma, a diferença, a diversidade, a alteridade, a autonomia e a autoria. Nessa perspectiva, objetivamos transcender a simples utilização do cinema como criação artística e ilustração da realidade, para englobar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos a ele inerentes, oportunizando, mediante conversas e narrativas, o desenvolvimento de novas visões de mundo ao entrelaçar arte e educação, de forma harmônica e prazerosa.

Palavras-chave: cibercultura, pesquisa-formação multirreferencial, cotidianos, cinema, narrativas

Introdução

O estudo em pauta teve como objeto de investigação, o cinema, entendido como um dispositivo a ser explorado nos cotidianos escolares, particularmente, em pesquisas multirreferenciais, tendo em vista o desenvolvimento de (co) autorias diversas, mediante a reelaboração e interpretação de imagens, sentidos e narrativas.

A ideia central é que o uso desse dispositivo nas práticas educativas possibilita a integração de conhecimentos científicos e conhecimentos produzidos em outros contextos da vida cotidiana, como, por exemplo, nos espaços formativos das cidades e da cibercultura, nas diferentes e articuladas mídias e na fruição das obras de arte, entre outros.

Nessa perspectiva, tornou-se fundamental compreender de que forma o cinema, com sua linguagem imagética, pode ser utilizado para potencializar currículos e pesquisas multirreferenciais, nos diferentes *espaçostempos* de aprendizagem. Para isso, buscamos articulá-lo a práticas educativas, para que pudessem emergir narrativas textuais, imagéticas e sonoras, que ampliassem as problematizações para além de sua apropriação didática como simples ilustração dos conteúdos formalizados nos programas curriculares oficiais. Nessa perspectiva, sua contribuição para o campo do conhecimento em educação demonstrou a necessidade de um olhar plural para as práticas e fenômenos educativos, a partir de sistemas de referência distintos.

Para pensar a noção de redes como imagem, compreendendo os modos como os conhecimentos, as relações e as subjetividades são tecidas em meio às práticas cotidianas, em diferentes contextos multireferenciais, trouxemos, como intercessores teóricos, Latour (2012), Ardoino (1998), Certeau (1996), Alves (2008/2010), Deleuze (1985/2007), Fresquet (2010/2015), Macedo (2012) e Santos (2014), entre outros.

Na consideração do cinema e suas imagens, como forma de pensamento/conhecimento, dialogamos, principalmente, com os pressupostos básicos da teoria dialógica do discurso, que postula uma relação intrínseca entre língua, linguagem, história e sujeitos, de Bakhtin (2011), além de Bergala, Benjamim (1996) e Didi-Hubermann (2011).

Nessa perspectiva, apresentamos, a seguir, o Relatório do estágio desenvolvido, a partir desse projeto, que propôs analisar aspectos culturais, históricos, literários e políticos presentes em produções cinematográficas, transcendendo a simples utilização do cinema como criação artística e

fruição estética, e oportunizando o desenvolvimento de novos olhares, com foco no entrelaçamento das linguagens dessa arte e a educação.

Ao longo desse estágio foi possível compartilhar saberes e fazeres com diversos autores, estudiosos do tema, mediante participação em debates, promovidos em diferentes instituições, tais como:

- *37ª Reunião Nacional da Anped* - realizada no período de 04-08 de outubro de 2015, na UFSC – Florianópolis, Santa Catarina. Nesse evento, diferentes ideias e pontos de vista puderam ser confrontados e revistos, a partir de apresentações de trabalhos, de palestras de especialistas da área, e das intervenções dos participantes do evento, nesse espaço de compartilhamento de experiências, fundamental para o enriquecimento das leituras, em geral;
- *I Encontro Internacional de Docência e Cibercultura – I e-DOC*, promovido pelo GpDoC-Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, e realizado no período de 03 a 06 de novembro de 2015. O Encontro teve como objetivo compartilhar práticas de pesquisa e formação de professores na cibercultura; divulgar experiências de pesquisa-formação na cibercultura mediadas pelo Grupo; dialogar com a comunidade científica interessada na interface Educação-Comunicação e Tecnologias; e criar ambiências para formação continuada de professores e pesquisadores na cibercultura; e o
- *I Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ*, ocorrido, nos dias 29-30 de novembro de 2015. Organizado pelo projeto de pesquisa e extensão “Cinema para Aprender e Desaprender”, do Laboratório do Imaginário Social e Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (CINEAD-LISE-PPGE), em parceria com o Colégio de Aplicação da UFRJ e com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), evento que aprofundou o diálogo entre o cinema e a educação, abordando questões teóricas em relação à produção de sentidos com a linguagem cinematográfica, à leitura da imagem em movimento, e à possibilidade de se aprender com a experiência de ler, interpretar e fazer cinema.

Ao longo deste estágio, na perspectiva da inter-relação cinema e educação, a pesquisa foi se estruturando, possibilitada pela oportunidade de trocas e compartilhamento de experiências com outros especialistas, e com o público em geral; além de participação em bancas de mestrado e doutorado, e elaboração de artigos completos, parecerista de revistas, resumos publicados em anais, ou encaminhados à publicação, como autora, ou em coautoria, entre outros.

A relação Cinema e Educação na contemporaneidade

A relação do cinema com a educação brasileira não é recente. Nos anos 20, o cinema era anunciado como entretenimento, e suas produções vistas, por educadores, como potencialmente educativas, devendo ser introduzidas no ambiente escolar, mediante projetos educacionais. Esse entendimento estendeu-se, ao longo do século XX, nas práticas pedagógicas e orientações curriculares que nortearam o processo de aprendizagem, e ainda se faz presente em alguns *espaçostempos* escolares, como se fora uma “*marca de origem*”, que lhe confere um caráter fortemente instrumental (DUARTE; ALEGRIA, 2008); em outras palavras, a exibição de filmes volta-se, exclusivamente, para o ensino de conteúdos curriculares, sem levar em conta sua dimensão estética, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema.

No entanto, educação e cinema não têm a função de informar, ou mesmo comunicar; mas, como nos ensina Deleuze (2007), devem possibilitar o exercício da alteridade, pela capacidade de cada um desses campos se afetarem, mutuamente, não para pensar o cinema como um instrumento didático ilustrativo de conteúdos pedagógicos, mas como forma de conduzir a educação a novos lugares; a pensar o diferente, na medida em que produza certo estranhamento à função comunicativa da educação, levando-a a novos devires, marcas dos novos tempos.

Desse modo, não basta utilizar esses dispositivos midiáticos sob a ótica instrumental, como simples fontes de informação ou repositórios de materiais: é preciso ir além, pois como afirma Freire (2004, p. 33) “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que

há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Se “aprender é uma aventura criadora” (p. 69), como acentua o autor, desenvolver o potencial criador de nossos alunos, para que sejam produtores de seus conhecimentos, demanda apropriar-se desses dispositivos, de forma adequada, e explorar todas as suas potencialidades, integrando-os a práticas pedagógicas que enfatizam a dialogicidade, a interatividade, a colaboração e a autoria.

Nos dias atuais, com o desenvolvimento das tecnologias digitais - variantes da produção da imagem, da simulação do mundo – percebe-se um esforço no sentido de superar esse modelo, fundamental para que as novas gerações possam pensar e viver numa sociedade em que cada vez mais nos tornamos dependentes das imagens. Desse modo, produções cinematográficas têm sido utilizadas, na escola, dando-lhe vida e relevância; ou seja, transformando-a em participante ativa e criativa dos movimentos da cultura, e não, simplesmente, repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, geralmente defasados e inadequados para o cenário contemporâneo.

Seja na sociedade em geral, ou na escola, em particular, o cinema exerce o papel de agente de influência, ao ditar valores, linguagens, costumes e tantos outros elementos. Assim, as mídias, convencionais e interativas constituem dispositivos educacionais fundamentais para a tessitura do conhecimento, potencializando experiências diferenciadas e enriquecedoras na sala de aula. Como qualquer obra de arte, essas produções comunicam e influenciam o espectador muito mais pela forma como os assuntos são tratados, do que pela natureza desses temas, propriamente ditos. Daí, a importância de se considerar, em suas análises, os diferentes aspectos da linguagem utilizada: os ângulos e enquadramentos da câmera, a montagem dos planos e sequências, a fotografia, quanto a sua textura e cores da imagem, além do fio condutor da trama – sua narrativa.

Assim, como a linguagem escrita possibilitou que tomássemos consciência do mundo e de nossa cultura, de forma sistemática e conceitual, as imagens constituem, atualmente, as narrativas do mundo contemporâneo e nos fornecem novos elementos para compreendermos o próprio conceito de narrativa.

A imagem, para Benjamim (1996) e Didi-Huberman (2011), aparece como elemento construtivo e depositário das formas cognitivas, um fio condutor que estabelece o vínculo entre o real e o imaginário. Para o autor, enquanto a literatura constitui uma forma de conhecimento potencial, a imagem se impõe como um meio de atingir e despertar um saber adormecido do passado, que é arrancado de seu contexto original, e trazido para o presente como uma imagem dialética, fulgurante, intermediada entre o real e o imaginário. Convocam, assim, os nossos sentidos e a nossa imaginação; muitas vezes, como personagens centrais, aglutinadoras do sentido, concentram em si toda a potência do pensamento, tal a sua pregnância.

Imagens não são apenas recortes do real. Constituem um rastro, um traço do tempo que se quis tocar, associado a outros tempos – talvez anacrônicos e heterogêneos que, como memórias, não podem aglutinar. Ardem em significados e intencionalidades para aqueles que a captam; no entanto, ao tocar o real, convertem-se em 'cinzas', a serem reacesas pelos sujeitos que as tocam, por meio de suas memórias e narrativas. Nesse contexto, não há como dissociar o olhar, de quem olha; separar o que se vê daquilo em que se acredita; fugir de nossa subjetividade. O que se pode fazer é olhar 'entre', olhar de forma reflexiva, na busca de ações efetivas para o enfrentamento das questões que se nos colocam. Na aproximação dos saberes, científicos e comuns, é possível realizar uma ação política por meio dessa arte que, por si só, já é educativa. Não há imagem sem imaginação. Elas evocam memórias que nos fazem narrar esse olhar, não para transcrevê-lo, mas para constituí-lo, atualizá-lo, impedindo seu aniquilamento, sua destruição.

Alinhar política/estética pressupõe um corpo coletivo, em movimento e transformação contínuos, que se nutre da escuta ativa da arte, mediante diálogo e questionamentos crescentes, que vão, gradativamente, agregando outros corpos e visões, no entrelaçamento imagens/textos.

Sob essa ótica, produções cinematográficas despontam como um dispositivo midiático disparador de processos reflexivos, críticos e criativos, a partir de problematizações que vão para além de sua apropriação didática como simples ilustração dos conteúdos formalizados nos programas curriculares oficiais, para englobar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos a ele inerentes, possibilitando, mediante conversas e narrativas, a emersão de autorias diversas e a produção de Recursos Educacionais Abertos (REA), que podem revelar modos de ser e viver

contemporâneos, retratar culturas locais, compartilhar conhecimentos, e tratar de questões sociopolíticas, exploradas mediante um currículo plural que dialoga com os cotidianos e com a subjetividade dos sujeitos, indo além da perspectiva de grade curricular.

Mas, quais são as implicações decorrentes do uso de narrativas cinematográficas nos cotidianos escolares? O que significa olhar o mundo por meio dessas lentes? O que somos capazes de ver e o que se nos escapa ao olhar? Quais os impactos do uso desses dispositivos na educação e nos modos de conhecer, fazer e sentir dos sujeitos? Como nos apropriar, de forma crítica, das mídias digitais, a fim de nos autorizarmos na tessitura de nossos conhecimentos? Como produções cinematográficas, associadas às práticas pedagógicas, podem nos ajudar a tecer um conhecimento crítico do cotidiano escolar, da sociedade e do mundo?

Responder a essas e outras questões demandou, neste estágio de pós-doutoramento, trabalhar narrativas cinematográficas, junto aos nossos parceiros do GPDOC, sob as formas de documentário, ficção e animação, entre outras. Com esse intento, recriamos a atividade *cinclubista*, objetivando verificar como o cinema vem explorando a relação linguagens, tecnologia e aprendizagem, no âmbito de temáticas diversas, como por exemplo, a prática do diário, o exercício da alteridade, dialogismo, multiculturalidade, memória e diversidade.

Ao trazer o cinema para o cotidiano da pesquisa-formação multirreferencial, pretendemos aprender e vivenciar outras experiências formativas, para além de textos impressos e imagens, para vivenciarmos outras experiências formativas, associando-as à produção de vídeos, histórias em quadrinhos, charge/cartum, painéis fotográficos, teatro/dramatização e música, e outras formas de linguagem.

Com efeito, nesse movimento, ampliamos nosso poder criador, refletindo, continuamente, nosso agir pedagógico, tornando-nos produtores de nossos próprios conhecimentos, num processo de aprendizagem significativa, em cotidianos reinventados.

Atuação em eventos

1. VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias (08-11/06/2015)

1.1 Como palestrante

- Tema: Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade nas produções textual e imagética em redes educativas, presencial e *online*

1.2 Como participante

- Comunicações encomendadas - Cotidianos escolares e movimentos sociais (09.06.15)

Carlos Eduardo Ferraço [UFES]
Jarbas Vieira [UFPEL]
Coordenação: Roberto Macedo [UFBA]

- Mesa redonda 5 – Movimentos sociais na era da Internet (11.06.15)

Antônio Quintas Mendes [UaB/Portugal]
Bento Silva [Universidade do Minho/Portugal]
Nelson Pretto [UFBA]
Coordenação: Edmea Santos [UERJ]

2. I Encontro Internacional Docência e Cibercultura (03-06/11/2015)

2.1. Como palestrante – 05.11.15

- *Tema:* Autorias docente e discente em redes educativas *online*

2.2 Como mediadora

- Mesa 1 "Pesquisa-Formação na Cibercultura" com GpDoC

[Aline Weber](#): "Educação e Cibercultura: Narrativas de Mobilidade Ubíqua"

[Rosemary Santos](#): "Formação de Formadores e Educação Superior na Cibercultura: itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook"

[Valeria de Oliveira](#): "E-Acessibilidade, Docência Online e Atos de Currículo: conquistas e desafios de graduandos com deficiências sensoriais"

- Conferência do Prof. [Leonel Tractenberg](#) (UFRJ) "Docência Colaborativa"

2.3 *Como participante*

Dia: 03.11.2015

- Painele de Abertura:

[Stéphanie Gasse](#) (Université de Rouen - Département des Sciences de l'éducation France Laboratoire CIVIIC) "Dimensões da experiência na Formação Online"

Prof. [Ronaldo Linhares](#) (Universidade de Tiradentes – Unit) "Formação de Professores e Tecnologias Digitais: o olhar das políticas públicas"

- Defesa de tese

"A Sala de Aula na Cibercultura", com [Mayra Ribeiro](#), doutoranda GpDoC

- Conferência

"O celular na sala de aula: notas de uma pesquisa-intervenção", com [Tuca Ferreira](#) (Proped/UERJ)

Dia: 04.11.2015

- Conferência

Abordagem Multirreferencial" e apresentação do livro "Jornal da Pesquisa Multirreferencial", pelo Prof. [Joaquim Barbosa](#) (Universidade do Rio Grande do Norte – UERN).

Dia: 05.11.2015

- Mesa 2 "Pesquisa-Formação na Cibercultura" com GpDoC

[Mara Cruz](#): "Acessibilidade cognitiva em um ambiente virtual de aprendizagem e letramento para alunos deficiência intelectual"

[Mirian do Amaral](#): "Autorias docente e discente em redes educativas online"

[Rachel Colacique](#): "Autorias inclusivas na rede"

Dia: 06.11.2015

- Defesa de tese

"Pesquisa-Design formação: uma proposta metodológica para produção de artefatos digitais abertos na cibercultura" da Doutoranda GpDoC, [Tatiana Rossini](#)

- Conferência

"Ciência Aberta e Ética Hacker" e Lançamento da Revista "Em Aberto e Dossiê Hacker", com o Prof [Nelson Pretto](#) (Universidade Federal da Bahia - UFBA).

3. I Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ (29-30/11/2015)

3.1 Como participante

Palestra

A produção de sentidos no cinema: a pertinência da leitura e produção audiovisual de crianças e adolescentes no Brasil, com Hernani Heffner (Curador e pesquisador da Cinemateca do MAM-Rio/ PUC-Rio)

3.2 Lançamento de livro

Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com cinema. Co-edição da BOOKLINK - LISE UFRJ.

4. Participação em bancas

4.1 Felipe Ponte da Silva Carvalho Defesa Mestrado (14.12.2015)

Membros titulares

Karina Marcon (UDESC)

Mirian Amaral (UERJ)

Suplência

Marco Silva (UERJ)

Adriana Fernandes (UNIRIO)

4.2 Tatiana Rossini Sodré. Defesa Doutorado (06.12.2015)

Membros titulares

Nelson Pretto (UFBA)

Mirian Struchinner (UFRJ)

Daniel Lopes (Unisinus)

Rita Frangela (UERJ)

Suplência

Mirian Amaral (UERJ)

Mariano Pimentel (UNIRIO)

Pareceres em revistas

- **E-Book - Educação e Tecnologia: Parcerias (2015).** [Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estácio de S  \(UNESA\)](#).

Publica o anual, que apresenta diversas reflexões sobre temas educacionais contemporâneos voltados ao ensino e aprendizagem, utilizando as tecnologias de Informa o e da Comunica o - TIC em contextos variados.

Artigo avaliado: R toricas das novas tecnologias na sociedade contemporânea: instrumentos de ensino/aprendizagem no contexto escolar

- **EaD em foco (2016).** [Fundaa o Centro de Ciências e Educa o a Distância do Estado do Rio de Janeiro \(CECIEJ\)](#)

A revista EAD em Foco – Qualis B1, é uma publicação científica em formato eletrônico. Tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de educação a distância (EAD), inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

Artigo avaliado: Avanços e Democratização das Tecnologias Digitais e Perfil de Competências do Professor do Ensino Superior: uma Discussão Teórica

- **Revista Educação e Cultura Contemporânea.** Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

Trata-se de periódico científico semestral, Qualis B1. Publica artigos inéditos na área de Educação, em especial: resultados de pesquisas de caráter teórico e/ou empírico, revisão crítica da literatura de pesquisa, ensaios, resenhas de livros, entrevistas com profissionais e pesquisadores da área da Educação ou de áreas afins.

Artigo avaliado: Henry Giroux: das teorias as práticas inovadoras na educação

Organização de trabalhos

- **Jornal Científico Online – Laboratório Educação e Imagem UERJ**

Consiste numa publicação quadrimestral do Laboratório Educação e Imagem da UERJ do Programa de Pós-graduação em Educação, coordenado pela professora Nilda Alves, tendo em vista promover e fomentar a discussão sobre a temática “Currículos e Cibercultura”, e suas implicações no processo educacional.

Nessa perspectiva, compartilhamos práticas curriculares realizadas na Educação Básica e na universidade, por professores e estudantes de diferentes universidades e pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Docência e Cibercultura – GPDOC/PROPED-UERJ. Resultados de seus estudos e investigações são apresentados em textos autorais e propositivos, potencializando os debates sobre a importância de se conceber o currículo como obra aberta, flexível e dinâmica; o que demanda articulação e vivência de diferentes saberes, científicos e comuns, numa perspectiva de pluralidade, de forma crítica e construtiva.

Apesar da centralidade da linguagem verbal nos processos de comunicação humana, o jornal prima pelo uso de imagens, como personagens conceituais, ocupam um lugar de destaque, nos processos de aprendizagem. Constituem, desse modo, as narrativas do mundo contemporâneo, e nos fornecem novos elementos para compreendermos o próprio conceito de narrativa.

Em coautoria com a prof^a Edméa Santos, assinamos o Editorial dessa publicação, que, em seu primeiro bloco, aborda o tema sobre as “*Culturas locais*”, particularmente a cultura indígena, *Maria Cristina Lima Paniago* e *Rosimeire Martins Régis dos Santos*, apresentam suas experiências com um grupo de formação continuada. A partir da imagem de uma colher de pau postada, por uma professora, na rede social Facebook, e a discussão por ela gerada, as autoras buscam entender as representações dos participantes, pautadas em seu saberes prévios e nas memórias de cada um, que dão sentido aos discursos, possibilitadas pela interatividade e a colaboração, tendo em vista a criação de novos saberes.

Em “*Artefatos tecnológicos educacionais*”, *Bento Duarte Silva* traz fotogramas de um vídeo produzido sobre a evolução dos artefatos tecnológicos. *Discute o poder transformador da tecnologia*, que altera formas de produção de linguagens e de comunicação, buscando iluminar esse fenômeno numa perspectiva histórica, num percurso que vai desde as tecnologias de exteriorização da fala e gesto, que limitavam a comunicação ao instante e ao meio imediato, até as tecnologias do acesso a partir da revolução digital e, mais recentemente, as tecnologias caracterizadas pela mobilidade ubíqua.

“*Culturas e conhecimentos disciplinares*”, texto de Aline Grunewald Nichele e Eliane Schlemmer, apresenta os percursos de uma prática pedagógica na formação de professores de

Ciências da Natureza, com o uso de tecnologias móveis e sem fio; o que possibilita compreender a importância desses dispositivos no processo ensino e aprendizagem, no contato interativo com as dimensões desse conhecimento.

“*Políticas curriculares e projetos educacionais*” traz o relato de Simone Lucena e Socorro Aparecida Cabral Pereira acerca da experiência do uso da blogosfera como lócus para a reflexão da formação para a docência e registros diversos dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Dessa forma, esse dispositivo tem possibilitado que alunos e pesquisadores exerçam sua autoria e produzam conhecimentos por meio de processos colaborativos e interativos na rede.

Na seção “*Cotidianos e redes educativas*” Rosemary Santos apresenta um recorte de sua tese de doutorado sobre a formação de formadores na Ciberultura. A autora afirma que muitos professores universitários estão comprometidos com as transformações contemporâneas, buscando compreender os fenômenos que emergem desse novo cenário sociotécnico e suas repercussões para desenvolvimento de projetos de formação voltados para as práticas e pesquisas acadêmicas.

“*Culturas e imagens*”, de Rachel Colacique, discute o potencial formativo do Instagram, uma das maiores redes sociais para compartilhamento de imagens, que vem sendo utilizado pelos agentes da cultura surda, no contexto da ciberultura, para produção de conteúdos diversos, contribuindo, dessa forma, com seus próprios processos educativos e de outros usuários, surdos ou não.

No texto “*Lembranças de escolas*”, Tania Lucía Maddalena faz uma releitura de sua infância, trazendo, à tona, sensações visuais e olfativas experimentadas com a leitura, pela primeira vez, de um livro de histórias: “Meristemo, as bicicletas do Sol”. O resgate dessas memórias levam-na a pensar sua inserção no mundo da escrita, quando por influência de estudiosos, como Emilia Ferrero, a literatura se desenvolvia em paralelo à alfabetização, concluindo que, da mesma forma, com os desafios da ciberultura e da linguagem hipermídia, ampliam-se as práticas cotidianas de narrar histórias – *storytelling* –, em apoio ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

Em “*Inventando o Futuro*”, Mariano Pimentel, Denise Filippo e Thiago Marcondes Santos aceitam o desafio de pensar o futuro da educação. A partir do Projeto ‘Tapetes Musicais Inteligentes’, artefato construído no contexto da dissertação de Thiago Santos, e projetados para diminuir as barreiras técnicas na produção sonora em comparação com as demandas exigidas para se tocar um instrumento tradicional, os autores refletem sobre novas práticas pedagógicas que podem ser promovidas com o uso da computação ubíqua.

Finalmente, na seção “*Práticas docentes*”, Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro nos apresenta sua experiência com a pesquisa-formação na ciberultura, na docência do ensino superior na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, bem como as trans (formações) no aprender e ensinar nas disciplinas de Didática e Estágio Supervisionado.

- **Dossiê Hacker**

Participação, como organizadora, em nível do GPDOC, do dossiê hacker, criado pelo prof. Nelson Pretto. Trata-se de um site, hospedado na UFBA, para divulgar artigos, resenhas, bibliografias comentadas e vídeos, com *link* para o site oficial da Revista *Em Aberto*, 2015, v.. 28, nº. 94, do portal SEER, do INEP.

O quadro a seguir, mostra os trabalhos compartilhados nesse dossiê:

Resenhas

- *Por Felipe Carvalho*

CALVÃO, Leandro D.; PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo. *Do email ao facebook: uma perspectiva evolucionista sobre os meios de conversação da Internet*. E-book. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014.

- Por *Cíntia Velasco e Lydia Wanderley*

KEEN, Andrew. *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

- Por *Mirian Amaral*

MARTINS, Beatriz Cintra. *Autoria em rede: os novos processos autorais através das redes eletrônicas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

MALLMANN, Elena Maria. Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. *Cadernos de Pesquisa*. Jan./mar. 2015, v.45 n° 155, pp.76-98. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143088>.

Bibliografias comentadas

- Por *Mirian Amaral*

The discourses of OERs: how flat is this world?

SANTOS, Andreia I. The discourses of OERs: how flat is this world? *Journal of Interactive Media in Education* (JIME), Maio 2008. Disponível em: <http://jime.open.ac.uk/articles/10.5334/2008-11/>. Acesso em: 30.08.2014.

Critiques of the Open Educational Resources Movement

KNOX, J. Five Critiques of the Open Educational Resources Movement. In: *Technology. Culture. Learning*. Blog de Jeremy Knox's. Post em 28 de mar. 2012.

Disponível em: <http://jeremyknox.net/2012/03/28/five-critiques-of-the-openeducational-resources-movement-oer-highered-elearning-edtech>

- Por *Rosemary Santos*

Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros: Rio de Janeiro: Z, 2013.

Produções no período: capítulos de livros, artigos em periódicos, *resumos em anais de congressos, artigos aceitos para publicação*

- *Capítulos em Livros*

SANTOS, Edméa; AMARAL, Mirian. In: LONEL, A; MARCON, K.; ALVES, Dom Robson M. *Autorias em redes: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura*. In: Reflexões e práticas na EAD. Letra Capital, 2016.

WEBER, Aline. RIBEIRO, Mayra; AMARAL, Mirian. *Formação docente e discente na cibercultura: por mares nunca antes navegados* In: PORTO, Cristina et al. (Orgs.). Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes. Salvador: Edufba, 2016.

- *Artigos em Periódicos*

AMARAL, Mirian M.. *O diálogo entre artes plásticas e meio ambiente em redes educativas: uma releitura da obra o Lixo Extraordinário*. Boletim Técnico do SENAC, v. 41, p. 82-99, 2015.

- *Resumos em Anais de Congressos*

AMARAL, Mirian M. Autorias Docente e discente; pilares de sustentabilidade em produções textual e imagética em redes educativas presenciais e online. In: VIII Seminário Internacional - As redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e a educação, 2015. VIII Seminário Internacional - As redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e a educação. Rio de Janeiro: UERJ. v. 1. p. 1-15.

- *Artigos aceitos para publicação*

AMARAL, Mirian M.; LEMGRUBER, M. S. . Indicadores e materialização de autorias docente e discente em redes de aprendizagem presencial e online. Educação e Cultura Contemporânea, v. 13, nº 32, 2016.

AMARAL, Mirian M.; SANTOS, Edméa. *Biopolítica de Currículo: notas de uma pesquisa-formação na cibercultura*. EaD em foco. Ago./2016

- *Artigos em avaliação*

AMARAL, Mirian M.; CARVALHO, Felipe; SANTOS, Edméa. *Mídias educativas potencializando atos de currículo para emersão de autorias nas redes de aprendizagem híbridas*. SPCE, 2016.

Leituras realizadas e ampliadas

Apresentamos, a seguir, um breve panorama das opções que sustentaram este estudo. Em seu desenvolvimento, dialogamos com os conceitos de *cibercultura*, como cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e a circulação em rede de informações e conhecimentos, que se imbricam na cidade e ciberespaço (Santos, 2014); e de *educação online - EOL*, como uma emergência da cibercultura, não podendo ser entendida como uma evolução das práticas de educação a distância convencionais, pois exige metodologia própria, que pode inspirar mudanças profundas no modelo de transmissão, tão comum na sala de aula presencial (Silva, 2012).

Buscamos subsídios nas contribuições sobre temáticas relacionadas à *linguagem textual*, tomando como fundamento os pressupostos básicos da teoria dialógica do discurso, que postula uma relação intrínseca entre língua, linguagem, história e sujeitos; ou seja, que “toda a vida da linguagem - seja a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, entre outras -, está plena de relações dialógicas (Bakhtin, 2011). Para o autor, a língua está em constante evolução, em decorrência das interações verbais dos interlocutores. É no seu contato com a realidade concreta, via enunciado, que a palavra ganha sentido, dado que este se revela em sua profundidade quando encontra e toca outro sentido, estabelecendo-se entre eles um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco da obra. Assim, a ideia de autoria perpassa todo o pensamento *bakhtiniano*, cujo eixo norteador é marcado pela interação verbal e seu caráter dialógico e polifônico. Nessa perspectiva, procuramos mergulhar num mundo permeado de relações dialógicas, no qual os sujeitos, por meio da linguagem, iam se constituindo, na medida em que se relacionavam com o outro, ponto-chave para construção do “eu”. Assim, a palavra, representou o território comum desses atores, servindo de expressão de um em relação ao outro, bem como em relação à coletividade.

Adotamos os princípios da *multirreferencialidade*, que “se propõe a uma leitura plural, sob diferentes ângulos, e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros”, como afirma Ardoino (1998, p. 7), exigindo o abandono do pensamento linear e reducionista, característico da ciência moderna, e a adoção de um olhar multidimensional, que reconhece a complexidade e a heterogeneidade que caracterizam as práticas sociais.

Buscamos respaldo, também, nos princípios da *complexidade*, e suas implicações, amplamente discutidos por estudiosos, como Ardoino (1998) e Roberto Macedo (2012). Para tratarmos de *cotidianos* - uma complexa rede de saberes, para além dos curriculares, e campo no qual sentidos e significações emergem, trazendo, em si, o que os praticantes fazem deles/neles/com eles, *conversaremos com* Oliveira (2007), Nilda Alves (2008/2010) e Certeau (2006).

Estudos sobre *imagens e cinema*, propriamente ditos, tiveram como base pensamentos e ideias de Benjamin, Nilda Alves (2008), Bergala (2016), Deleuze (1985/2007), Fresquet e Migliorin(2015), Duarte e Alegria (2008), entre outros.

Ao objetivarmos o estudo da temática 'cinema', ampliamos nossas leituras sobre o assunto, razão pela qual apresentamos, a seguir, as contribuições de alguns autores que se dedicaram a esse tema:

- BERGALA, Alain (2006). **A hipótese-cinema** – constitui um pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola, e uma das maiores referências para aqueles que se dispõem a pesquisar sobre cinema e educação.

Como um dos consultores do Ministro de Educação da França, Jack Lang, em 2000, Bergala propõe reconfigurar o espaço escolar, a partir da inclusão do cinema como arte. Ao formular essa hipótese, entende-o como alteridade, como experiência estética e criativa, diferentemente do habitual uso de que dele faz a escola: como um instrumento didático, um veículo de aprendizagem ilustrativo ou evocativo de conteúdos alheios ao próprio cinema. Desse modo, adentra o cotidiano escolar como “o outro”, abalando o constituído. Nesse sentido, a concepção de arte extrapola a ideia de “ensino de arte”, que pressupõe obediência, repetição, aceitação passiva, para se assumir como aquela que reclama, desconstrói, resiste e cria. Nessa perspectiva, esta arte deve ser pensada não como forma de transmissão de saberes, mas como um espaço de encontro de invenção coletiva, que modifica a relação *aprenderensinar*.

Para o autor, na escola, o cinema deve ser visto como obra de arte e cultura. A tradição de focar o cinema do ponto de vista da linguagem, mediante leitura crítico-analítica, deve ser deslocada para uma leitura “criativa”, que coloque o leitor no lugar do autor, levando-o a compartilhar com este, momentos de racionalidade, escolhas e incertezas; com especial ênfase aos aspectos intuitivos e sensíveis da vivência do artista, fundamentais ao aprendizado de artes.

Assim, propõe reconfigurar o espaço escolar a partir da inclusão do cinema. Ao aceitar o desafio, de conceber as aulas como oficinas de projeto artístico, nas quais se estabelece uma colaboração entre docentes e artistas de diferentes áreas, Bergala traça um plano de atividades teórico-práticas a serem desenvolvidas inicialmente em cinco anos, propondo a criação de um acervo de DVD, composto por cem filmes exemplares da história do cinema, com os seguintes objetivos:

- organizar a possibilidade do encontro com filmes selecionados segundo critérios artísticos, em que se estabeleça uma relação na qual o professor seja um mediador;
- possibilitar aos alunos o desenvolvimento do gosto e a aprendizagem do hábito de frequentar filmes;
- propiciar o estabelecimento de conexões e laços entre diferentes filmes, ao contextualizar cada produção numa linhagem de obras referenciais, possibilitando aos alunos a percepção de um acervo cinematográfico, e não apenas de obras isoladas.

Materiais em vídeo foram editados com fragmentos de filmes para que a linguagem cinematográfica pudesse ser apreciada e analisada nas oficinas/aulas, a partir de uma amostragem dialógica e comparativa.

Finalmente, numa dimensão produtiva, Bergala propõe a experimentação, o fazer artístico, na qual os alunos colocam-se no lugar dos cineastas, expressando-se através do cinema.

- FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e educação: a Lei 13.006/14** – reflexões, perspectivas e propostas (2015)

Essa obra trata da obrigatoriedade de exibição, nas escolas de educação básica, de duas horas de cinema nacional por mês como complemento curricular integrado à proposta pedagógica da escola.

Com a colaboração de diferentes profissionais de diferentes grupos de pesquisa de universidades brasileiras, cineclubistas, professores de educação básica que trabalham na interface cinema e educação, o diálogo direto com o leitor e com seus pares é estabelecido, mediante contribuições acerca das possibilidades e propostas de acesso ao cinema num país de dimensão continental como o Brasil.

Nessa perspectiva, a apropriação do cinema é defendida não como instrumento educativo, mas como um dispositivo de criação, de imaginação cotidiana. O que se problematiza é o “sentido de obrigatoriedade”, a maneira como políticas educacionais e leis adentram o espaço escolar e impactam autonomias garantidas aos projetos pedagógicos conduzidos e construídos nos currículos escolares, sem que estejam atreladas a alternativas que possam potencializar tais ações. Desse modo, alguns conceitos trazidos à discussão são esclarecidos, desmistificando conservadorismos acadêmicos e políticas públicas na área da educação.

Essa obra, resultante de pesquisa, realizada no âmbito da Faculdade de Educação da UFRJ, e que se estendeu, de forma criativa, para diferentes *espaçostempos* de encontros e aprendizado formais ou não formais, contribui para entendermos que o cinema constitui um espaço privilegiado de reflexão, um dos instrumentos mais eficazes para “aprender, desaprender e reaprender, construindo e desconstruindo as certezas do mundo.

- FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação** – reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola (2013).

Numa abordagem multirreferencial, Fresquet discute a relação dialógica entre educação e experiências criativas, sustentada em projetos desenvolvidos em escolas, hospitais e grupos de educação, no país, estabelecendo a imbricação entre prática e reflexão. Nesse livro, a autora procura reconfigurar saberes e práticas que emergem da potência pedagógica da cultura audiovisual desafiando a pensar a educação como experiência de alteridade e criação. Enfatiza as possibilidades sensíveis, afetivas e educacionais que o cinema assume - não exclusivamente numa dimensão conteudística, mas igualmente estética e política, tendo em vista aprofundar o conhecimento de si e do outro.

No conjunto dessas discussões, inicialmente, reflete sobre seu aprendizado e suas experiências, nos últimos anos, acerca do cinema e educação, apostando na relação *ensinoaprendizagem* como exercício de emancipação e criação.

No segundo capítulo aborda as relações possíveis entre real e imaginário, temas percorridos e, eventualmente compartilhados pelo cinema e a educação, fundamentada nas proposições de Lev Vygotsky.

No capítulo três, dialoga com a proposta de Alain Bergala em seu livro “A hipótese-cinema” e da consultoria dada ao projeto CINEAD para a criação de escolas de cinema em escolas públicas do Rio de Janeiro- 2011-12. O capítulo quatro aborda a invenção do cinema, por Louis Lumière, introduzindo a prática da filmagem.

A identificação de potencialidades pedagógicas, éticas, estéticas e políticas possibilitadas por uma escola de cinema no cotidiano escolar constitui o desafio do quinto capítulo, no qual alguns princípios e práticas da escola de cinema do CAp da UFRJ são incorporados. Finalmente, no capítulo seis, a autora apresenta o CINEAD – Cinema para aprender e desaprender, algumas características do programa de extensão e do projeto de pesquisa e toda a história da equipe envolvida, desde 2006.

- DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento (1985) / A imagem-tempo (2007)**

Gilles Deleuze compreende o cinema não como um objeto de reflexão teórica, mas como um campo do conhecimento que se inter-relaciona e imbrica com outros domínios do pensamento, tais como a filosofia, as artes plásticas e a literatura. Nessa perspectiva, permite investigar os procedimentos adotados pelos cineastas para pensar a partir de seus filmes, a composição dos diferentes planos, os movimentos das personagens, os cortes necessários, possibilitando a ampliação de conceitos como tempo, movimento, espaço, real e imaginário.

Dessa forma, ao longo das obras, supracitadas, que se referem, respectivamente, ao Cinema Clássico e ao Moderno, e amparado nas teorias de Henri Bergson sobre a relação entre tempo, matéria e memória, Deleuze nos brinda com os conceitos filosóficos de “imagem-movimento” e “imagem-tempo” para nos explicar como a memória age e como o tempo é percebido, por ela, em experiências cinematográficas.

Aborda as relações entre o cinema e educação, na passagem de uma pedagogia da imagem-ação para uma pedagogia da imagem-tempo, e nos convida a reinventar outras formas de subjetivação que expressem nossa relação com o outro, e com nós mesmos, dando-nos oportunidade de nos libertarmos da vida aí aprisionada, transformando-nos. Nessa perspectiva, o cinema como um aliado da educação, propicia o exercício de alteridade permitindo ao sujeito caminhar em direção ao outro.

Como um dispositivo que, ao armazenar imagens pretéritas similares às que vemos no mundo real, o cinema clássico busca cristalizar o tempo, no afã de resistir à perenidade da vida. Mediante captura e preservação de instantes, revelados por uma série de lembranças que se perpetuam, através da memória, pelo tênue fio da temporalidade, para que não sejam esquecidas, o esquecimento parece atuar no apagamento de parte desses instantes, enquanto a lembrança os alcança e os traz de volta à vida - ao presente. Nesse sentido, as imagens atuam como cristalizadoras de instantes, perpetuando lembranças num tempo pleno de espaço.

No cinema moderno, porém, assevera o autor, a imagem-cristal liberta-se das amarras espaciais. O filme assume outro patamar, no qual os objetos se movimentam, o poder da imagem traz a autenticidade da duração, a dimensão dos instantes, dado que o tempo se conserva como virtualidade disponível em todos os seus pontos para atualizações diversas, segundo as mais inimagináveis conexões. Assim, os personagens e suas falas se aproximam das imagens do mundo real. A imagem cinematográfica passa a pensar por si própria, apontando-nos horizontes possíveis e a possibilidade de um devir: um convite à reflexão. O tempo se conserva como virtualidade disponível em todos os seus pontos para atualizações diversas e segundo as mais insólitas conexões, afirma o autor.

Recriando o Cineclube

O cineclube consiste num espaço formativo que objetiva pensar como o cinema – um dispositivo que favorece a criação de currículos e possibilita a integração de saberes científicos e saberes construídos na cultura, no dia-a-dia das cidades, das tecnologias e das artes. Contempla a diferença, a diversidade, a alteridade, a autonomia e a criatividade.

Nesse espaço vivenciamos a aprendizagem significativa, em rede, criando e cocriando o conhecimento, ao mesmo tempo em que exercitamos a colaboração, o diálogo e a interatividade. Assim, sua utilização transcende a ideia de simples ilustração da realidade, para englobar aspectos culturais, históricos, literários e políticos a ele inerentes, oportunizando o desenvolvimento de novas visões de mundo ao entrelaçar arte e educação.

Desse modo, pensamos o cinema, como um artefato cultural, que nos inspira e convida a desenvolver nossas práticas educativas e de pesquisa multirreferencial nos/dos/com os cotidianos, na medida em que, além da leitura e discussão de textos impressos (científicos, jornalísticos, artísticos ou produzidos nos e pelos cotidianos), interessa-nos aprender e vivenciar outras experiências formativas

O ambiente virtual de aprendizagem - AVA

A produção de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) tem como elemento central o planejamento, que deve levar em conta o contexto de aprendizagem e a natureza do público-participante, além dos aspectos inerentes ao próprio *design* didático, tendo em vista sua utilização, de forma eficiente e eficaz.

Nesse contexto, tornou-se fundamental o diálogo com os praticantes culturais (GPDOC), tendo em vista a produção de materiais didáticos compatíveis com o meio virtual.

Um profissional capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender de forma autônoma e integrada os próprios caminhos da construção do (hiper) conhecimento em rede, assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão-na-ação e fazendo um uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem. (Ramal, 2001, *apud* PIMENTA, 2007, p. 77).

A plataforma *Moodle*, um *software* educacional livre, foi utilizada para conceber o Ambiente Virtual de Aprendizagem do Cineclube 2016, possibilitando ao usuário sua exploração e o desenvolvimento de sua criatividade, em consonância com os objetivos de aprendizagem a serem alcançados. Essa configuração constitui-se numa questão desafiadora para o *designer* educativo, que deve organizar todo o conteúdo a ser trabalhado e mapear o conhecimento, refletindo sobre o quê e como informar, e a quem destinar a informação.

A definição de uma identidade visual apropriada a esse projeto, e direcionado aos membros do GPDOC foi determinante para a definição do grau de liberdade de navegação do usuário, fortemente dependente dos pressupostos epistemológicos que orientam sua produção. Assim, podem ser observados nesses ambientes opções de navegação não lineares, bem interativas com elementos que permitem investigar, levantar hipóteses, testá-las, apurar ideias, pesquisar e criar, coconstruindo, dessa forma, o conhecimento.

A decisão do que estudar fica a critério do aluno, que tem ingerência em relação à carga cognitiva. A tecnologia requerida para participação nos cursos é compatível com as facilidades disponíveis no mercado e na própria Instituição, facilitando o acesso a diversos materiais, via *web*.

Os conteúdos são apresentados, gradativamente, em pequenas unidades, com pouca carga cognitiva. Entretanto, com um simples toque no *mouse*, podem-se acessar outros textos e *sites* recomendados, para maior aprofundamento dos assuntos tratados, dado que o desenho didático favorece a intertextualidade, a intratextualidade e a multivocalidade.

Para facilitar o aprendizado, a primeira semana do curso é inteiramente dedicada à ambientação do aluno. A possibilidade do uso de fotografias, vídeos e animação, entre outros, com a finalidade de tornar mais dinâmico o aprendizado, permite a interação todo/todos.

A partir da exibição dos filmes, em encontros presenciais, discutimos temas relacionados ao nosso objeto de estudo "O cinema como potencializador de pesquisas multirreferenciais". A cada filme são propostas atividades *online*, tais como:

- Seleção de uma cena qualquer para ser debatida;
- Estabelecimento da relação de cenas dos filmes com os textos indicados para leitura; com os debates que emergem nas aulas presenciais, e com suas histórias de vida na prática docente cotidiana;
- seleção e edição de cenas do filme (até 2 minutos do filme por vez), para publicar no Youtube e trazer o link para nosso fórum. Outros filmes também podem ser sugeridos, ao grupo. Basta abrir um tópico novo e apresentar uma mini-resenha do mesmo.

Assistir a um filme, debater e experimentar essa arte, renova, no aprendizado, o vigor do aprender, como ação e movimento. Diante de um filme, pensamos o tempo, atualizamos nossas memórias e inventamos o futuro.

Mais do que apresentar respostas, a arte cinematográfica nos faz refletir e propor perguntas; foge da racionalidade ilusória do mundo, cria novos estados e pontos de vista, questiona, rompe paradigmas e nos agracia com a ambiguidade, em lugar de certezas. Diante dela, vivenciamos as experiências propostas pelos artistas que nos colocam em contato com a sua criação, e estabelecemos elos e compartilhamentos com outros sujeitos, nas diferentes redes que habitamos. Como escreveu Manoel de Barros:

O olho vê.
A memória re-vê.
A imaginação trans-vê.
É preciso trans-ver o mundo.

Artigos em desenvolvimento, a partir do Cineclubes

- *Culturas cotidianas na inter-relação cidade e escola, em redes educativas online, à luz do documentário “Lixo Extraordinário”*

Resumo

Neste artigo, fruto da pesquisa realizada no âmbito da disciplina Cotidianos e Currículos, no Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PROPED- UERJ, as autoras discutem as culturas cotidianas, *na inter-relação cidade e escola*. Nesse contexto, percorrem e cartografam as redes de saberes, fazeres e poderes, tecidas e compartilhadas, pelos praticantes, nos cotidianos escolares, mediante a criação de atos de currículo, de onde emergem imagens e narrativas. Procuram compreender as principais características dessas redes ao serem tecidas com outros tantos cotidianos em que vivem esses sujeitos, estabelecendo o diálogo com o filme “Lixo Extraordinário”, indicado ao Oscar como o melhor documentário brasileiro, que mostra o trabalho do artista plástico Vik Muniz, junto a catadores de materiais recicláveis, no lixão de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Cidade e cotidianos escolares. Atos de currículo. Multirreferencialidade. Documentário

- *Diários online como catalisadores e potencializadores de atos de currículo na pesquisa-formação multirreferencial: uma conversa com o filme Avatar*

Resumo

Neste artigo, as autoras, num movimento de aproximação entre educação e artes, procuram estabelecer a interface entre o currículo multirreferencial e as práticas comunicativas mediadas pelo cinema, tomando como base o filme Avatar, no âmbito de uma pesquisa-formação multirreferencial, realizada no período de 2013.2 a 2014.1, na disciplina Currículos e Cotidiano, do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PROPED- UERJ, desenvolvido em redes de aprendizagem online. Nesse contexto, mostram que o diário online, dispositivo experiencial, catalisador e potencializador de atos de currículo, que levam em conta aspectos como diferenças, diversidade, alteridade, autonomia e autoria, entre outros, oportuniza a emergência de questões políticas, culturais, históricas, literárias e éticas, que adensam as discussões desse trabalho.

Palavras-chave: Diário *online*. Atos de currículo. Pesquisa-formação multirreferencial. Cinema e Educação. Avatar

- *Um conto chinês - cultura, alteridade e vida: o cinema adentrando os espaçostempos escolares*

Resumo

A cibercultura, cenário contemporâneo, mediado por tecnologias digitais em rede, vem, de forma crescente, impactando processos educativos e alterando dinâmicas sociocomunicacionais e culturais. No contexto da mídia-educação, o cinema se apresenta como objeto sociocultural, bem como instrumento de aprendizagem, possibilitando momentos de fruição, de análise e de produção. Desse modo, alinhados à abordagem dos cotidianos escolares, discutiremos, a luz do filme “Um conto chinês”, o cinema como um dispositivo que favorece a emergência de currículos que integram saberes científicos aos saberes construídos na cultura, no dia-a-dia das cidades, das mídias e das artes, contemplando, dessa forma, a diversidade cultural, a dialogia e a alteridade. Nessa perspectiva, e oportunizando o desenvolvimento de novas visões de mundo, entrelaçamos arte e educação, no contexto de uma pesquisa, realizada no âmbito da Disciplina Cotidianos e Currículos, no Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PROPED- UERJ.

Palavras-chave: Cinema. Atos de currículos. Mediação. Diversidade cultural, dialogismo e alteridade.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês. B.; Alves, Nilda (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alit, 2008, pp. 15-38.

_____. Redes educativas *dentrofora* das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: Santos, Lucíola; Dalben Angela; Leal, Júlio D. N. (Orgs). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: currículo, ensino de educação física, ensino de geografia, ensino de história, escola, família e comunidade*. 66 ed.. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010, pp. 49-66.

ARDOÍNO, Jacques. Pesquisa multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: Barbosa, Joaquim. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação*. São Carlos: UFScar, 1998.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGALA, Alain. *L'hypothèse cinema: petit traité de transmission du cinema à l'école et ailleurs*, Paris: Cahiers du Cinema, 2006.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Cinema 1).

_____. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007 (Cinema 2).

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2011.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. *Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/viewFile/6687/4000>. Acesso em 02.07.2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica (Coleção Alteridade e Criação), 2013

_____. *Cinema e educação: a Lei 13.006/14 – reflexões, perspectivas e propostas*. Universo Produção, 2015). Disponível em: <http://docplayer.com.br/6314398-Cinema-e-educacao-a-lei-13-006.html>. Acesso em 23.02.2016.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012, São Paulo: Edusc, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei C.. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. *Etnopesquisa crítica e etnopesquisa-formação*. Brasília: Liberlivro, 2006.

_____. Atos de currículo e formação: o príncipe provocado. *Revista Teias. Currículos: problematização em práticas e políticas*. Rio de Janeiro: UERJ, jan./abr. 2012, v. 13, nº 27, pp.67-74.

MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1996.

PIMENTA, Sophia R.. *Avaliação do design de telas dos cursos a distância do FGV Online: um estudo de caso à luz da ergonomia e da usabilidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Design. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica – PUC-RIO, 2007.

SANTOS, Edméa O. dos. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2016.

PARECER DA SUPERVISÃO

A professora doutora Mirian Maia do Amaral, desenvolveu com competência todas as atividades acima citadas. Mobilizou saberes específicos na e para a docência e a pesquisa em Programa de Pós-graduação em Educação. Sua parceira deixou frutos não só pela produção acima citada, mas também e sobretudo, pelas relações interpessoais e parcerias acadêmicas que se constituíram em nosso grupo de pesquisa (GPDOP – Grupo de Pesquisa docência e Cibercultura). Grupo este, onde Mirian Maia do Amaral é pesquisadora e continuará em atividade nas pesquisas que estamos desenvolvendo.


Edméa Oliveira dos Santos
(NOME COMPLETO, RG 0343357577)

ATENCIOSAMENTE,
EDMEA OLIVEIRA DOS SANTOS
PROFESSORA DO PROEPD/UERJ
LINHA DE PESQUISA COTIDIANOS, REDES EDUCATIVAS E PROCESSOS CULTURAIIS